

Paulo Bittencourt



**PERDENDO
TEMPO COM
DEUS**

Perdendo Tempo Com Deus

Por Que

Sou Ateu

Paulo Bittencourt

Formatado para smartphones

Arte da capa: Paulo Bitencourt.

© Todos os direitos reservados. Sem permissão do autor, nenhuma porção deste livro pode ser reproduzida de maneira alguma.

Exceto quando se referem a uma pessoa em particular, todos os termos específicos de gênero devem ser considerados como referindo-se tanto à forma feminina quanto à masculina.



Universo, Complexo de Superaglomerados Peixes-Baleia, Superaglomerado de Laniakea, Superaglomerado de Virgem, Grupo Local, Via Láctea, Braço de Órion, Onda Radcliffe, Bolha Local, Nuvem Interstelar Local, Sistema Solar, Terra

LIVRE PENSAMENTO



Paulo Bitten quem?

Nasci no Paraná, em 1966, mas passei a infância na cidade do Rio de Janeiro, numa época em que brasileiros ainda diziam que Deus era brasileiro. Minha mãe levou a mim e meus três irmãos à igreja evangélica a que o pai dela levara a ela e os oito irmãos e irmãs dela e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles. Quando me converti em adulto, meu pai, que era católico, converteu-se à igreja evangélica a que o pai de minha mãe levara a ela e os oito irmãos e irmãs dela e ela levara a mim e meus três irmãos e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles.

Eu não levei meu filho à igreja alguma. Não sou qualquer um. Afinal, tenho o mesmo nome de família que o desguedelhado compositor de “tchā, tchā, tchā, tchāääää...”. Bittencourt é a versão francesa do sobrenome holandês Beethoven, de nobilíssimo significado: horta de beterrabas.

Eu sonhava em ser desenhista de histórias em quadrinhos e desenhos animados, mas uma voz na minha cabeça me mandou fazer Faculdade de Teologia e trabalhar

para um super-homem invisível e brabo. Em vez de fazer de mim um homem de Deus, estudar Teologia me fez ter dúvidas. Ao fim do quinto semestre, abandonei os estudos e me mudei para a Europa. Só não fui engolido por uma baleia porque fui de avião. Após curta estada em vários países, em 1990 me radiquei na cidade austriaca em que Ludwig van Horta de Beterrabas vi-rou comida de minhoca: Viena, onde me formei em Canto Lírico.

Sou autor também dos livros *Liberto da Religião: O Inestimável Prazer de Ser Um Livre-Pensador* e *Com Zeus Não Se Brinca: Loucuras da Crença em Deus*.

No meu [site](#), você pode ler mais refle-xões minhas sobre religião e Livre Pensa-mento.

A meu filho Evgeny

Que você viva num mundo cada vez mais
livre de superstições e irrationalidades.

Índice

Capítulo Único

Por Que Sou Ateu

13

Apêndice 1

Pensar Fez de Mim Um Ateu

282

Apêndice 2

Olá, sou Deus!

296

Apêndice 3

Desintoxicação

302

Apêndice 4

Livre Pensamento

318

Prefácio

Quando o caro leitor terminar de ler esta frase, feche os olhos e pausadamente diga três vezes: “Saber”.

Por mais incrível que possa parecer, crentes em Deus consideram ateus arrogantes. Incrível porque não é preciso ser um gênio para perceber que a verdade é o contrário. Ateus seriam arrogantes porque negariam a existência de Deus, apesar de saberem que ele existe. Ora, é impossível negar a existência do que se sabe que existe. Logo, ateus não negam a existência de Deus. Ateus apenas não creem em Deus. Afinal, por que deveriam? Crer não é saber. Crer pode ser satisfatório para uns, mas não o é para outros. Quando buscam Deus, ateus não só não encontram evidências da existência como até encontram evidências da não existência dele. E quando analisam os argumentos de quem alega ter encontrado Deus, ateus notam as falhas, incoerências, discrepâncias e ilogicidades deles.

Crecentes não sabem se Deus existe. Por isso é que têm crença. Por isso é que têm fé. Por isso é que têm esperança. Mesmo as-

sim, dizem que sabem. Constroem templos, batem em portas, escrevem livros e revis-
tas, falam no rádio, televisão e internet,
missionam em outros países, prometem
proteção, cura, prosperidade, vida eterna e
mansão de ouro. Uns inclusive ameaçam de
tortura num lago de fogo e enxofre quem
não crê em Deus, ou crê numa versão dife-
rente. Outros chegam a se explodir perto de
quem não crê em Deus, ou crê numa versão
diferente.

Quem, então, é arrogante: quem não
sabe se Deus existe ou quem não sabe se
Deus existe e mesmo assim diz que sabe?

Como se vê, não acreditar em Deus é a
mais pura humildade.

Uma vez que ser ateu nada mais é que
não ter motivos para crer em Deus, a um
ateu é impossível converter um crente ao
Ateísmo. Descrença não tem conteúdo. Se
não tem conteúdo, não tem doutrinas. Se
não tem doutrinas, não tem ensinamentos.
Se não tem ensinamentos, Ateísmo não é
uma filosofia, nem ideologia e muito menos
religião. Substitua “Ateísmo” por “falta de
crença em Deus” e fica evidente que cha-
mar Ateísmo de religião é ridículo. O

Ateísmo só é uma “coisa” porque o Teísmo é comum e muitas pessoas acham perturbante não crer em Deus. Ninguém considera não crer no Papai Noel uma filosofia, ideologia ou religião, já que não crer no Papai Noel é a atitude padrão de todas as pessoas com mais de cinco anos de idade. Por conseguinte, não há necessidade duma palavra como Apapainoelismo, pois não há Papainoelismo para contrastar. Ateus simplesmente explicam por que não creem em Deus, e essas explicações levam alguns crentes a refletir. Quando muito, o que ocorre é uma autoconversão à lógica, razão e coerência: o crente reconhece que não há motivos para crer em Deus.

Se o caro leitor é crente, meu objetivo não é convencer você a deixar de crer em Deus. É como se alguém tivesse me perguntado: “Paulo, por que você não crê em Deus?” ou “Você tem algo contra a crença em Deus?”. A resposta é este livro.

Paulo Bittencourt

“Não quero crer, quero saber.”

— Paulo Bittencourt

— Você acredita em Deus, Alan?

— Sim.

— O que ele é?

— Deus... é... um gás.

— Como assim?

— Bem, ele não é um gás pequeno, como o gás de botijão. Ele é um gás grande, como oxigênio. Ou dióxido de carbono. Não, esse é mau, né? Esse é o Diabo.

(Do episódio de TV *Knowing Me Knowing Yule With Alan Partridge*)

Capítulo Único

Por Que Sou Ateu

“Faça seu próprio deus, pinte-o de vermelho-sangue e, no nome dele, golpeie seus inimigos até à morte.

Faça da religião uma espada, não tolere perguntas.

Quem pensar diferente é trucidado pela cruz. Meu deus não é seu deus, mas qual deus é Deus?

Por isso, em seu nome nos golpeamos uns aos outros até à morte.”

(Da canção *Mein Gott*, da Erste Allgemeine Verunsicherung, uma banda austríaca de rock)

O CARO LEITOR já leu um livro cujo conteúdo principal não é dividido em capítulos? Aposto que não. Você está, então, desfrutando do raríssimo privilégio de ter em mãos um livro de um único (longo) capítulo. É que o escrevi de maneira fluida, sem planejar seus tópicos, mais ou menos como um monólogo improvisado, deixando meus pensamentos na ordem em que me vieram à mente, às vezes voltando a assuntos já abordados, o que tornou dividir este livro

em capítulos praticamente impossível. Muito mais importante que a estrutura são os argumentos — e argumentos é o que não falta neste livro!

Nasci no dia 20 de dezembro de 1966. Pelo menos, isso é o que diz uma folha de papel. Olhando no espelho, não vejo motivos para duvidar. Se bem que, nos dias em

que estou de bom humor, pareço um ano mais jovem.

Meus pais têm quatro filhos: O Mais Velho, O Segundo Mais Velho, eu e O Mais Novo. Minha cidade natal se chama Castro e fica no Paraná, estado de que também meus pais são originários e onde meninos se xingam de “tongo” e “piá de bosta”. Juro por Deus: sou um ateu que nasceu num hospital chamado Bom Jesus, num bairro chamado Santa Cruz. Quem nasce em Castro é castrense. Só não para os moradores das cidades vizinhas. Eles gostam de chamar castrenses de castrados e, quando estão com vontade de dar estrondosas gargalhadas, recitam este comovente poema, cujo autor a polícia castrada, perdão, castrense ainda não sabe quem é:

Castro, cidade benta.

Não chove, não venta.

Não esfria, não esquenta.

Não diminui, não aumenta.

Ô cidade lazarenta!

Castro era conhecida como a terra do sapo, o bicho de que minha mãe mais tem nojo, depois de jacaré e cobra (Jesus disse que seus seguidores podem pegar serpentes com as mãos, mas minha mãe não pode vê-las nem na televisão).

Não sou conhecedor da história de Castro, mas que eu saiba nada de realmente importante aconteceu lá, além do meu nascimento. O maior orgulho de minha cidade natal é uma manteigueira, que teria sido usada por Dom Pedro II. Acredite quem quiser, o imperador do Brasil realmente foi a Castro. O caro leitor quer saber por quê?

— Não aguento mais essa vida interessante!

— Vossa Majestade está precisando de tédio.

— O que me sugeris, ó conselheiro real?

— Observar sapos em Castro.

- Onde diabos fica isso?
- No Paraná.
- Não há perigo de eu morrer de tédio?
- Não, se Vossa Majestade lá se detiver por apenas algumas horas.
- Perfeito! Providencia já a arrumação da minha mala. E não esquece a manteigueira real!

Se não foi roubada por uma quadrilha internacional e vendida a um colecionador em Marraquexe, a dita-cuja está exposta no Museu do Tropeiro, que é do tamanho do banheiro do British Museum.

No inverno, Castro pode ser bastante gelida, característica que lhe rendeu seu segundo maior orgulho: ter sido mencionada no *Jornal Nacional* como a cidade mais fria do Brasil – por uma noite.

Quando eu tinha um ano de idade, minha família se mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Como todo mundo sabe, os ricos moram na Zona Sul. Adivinhe, caro leitor, onde moramos. Exatamente: na Zona Norte (onde está, por exemplo, a praia de Copacabana). Por cerca de nove anos, vivemos no bairro Quintino Bocaiúva. Morávamos

em frente a uma igreja católica ladeada por um centro espírita. No cruzamento mais próximo, era comum nos depararmos com galinhas pretas, garrafas de cachaça, charutos e moedas, oferendados a algum deus afro-brasileiro. Nas galinhas, cachaça e charutos nós moleques não tocávamos, mas as moedas não éramos bobos de deixar lá: pegávamos para comprar doces. Obrigado, Umbanda! Ah, e obrigado também pelas guloseimas do Dia de São Cosme e Damião.

Meu pai era lanterneiro: consertava a lataria de automóveis. O dono da oficina em que meu pai trabalhava era um irmão de minha mãe. No ano em que completei dez anos, meu tio resolveu fechar a oficina e abrir uma nova em Brasília, pelo que nos mudamos para lá.

Na capital federal, meus pais não conseguiram encontrar apartamento, o que nos forçou a morar com outro irmão de minha mãe, que era sargento do Exército. Era uma situação difícil, pois ele tinha um filho pequeno. Esse tio e sua esposa eram evangélicos. A esposa de meu tio nos fazia sentir que não éramos o que se poderia chamar de bem-vindos.

O Mais Velho foi morar com uma irmã de minha mãe no interior de São Paulo. Igualmente evangélica, também essa tia não era o que se poderia chamar de poço de carinho.

Sem perspectiva de melhora, minha mãe pegou O Segundo Mais Velho, a mim e O Mais Novo e voltou para Castro. Meu pai ficou em Brasília. Outra vez dependendo de parentes, fomos morar num quarto dum velho hotel que pertencia a outra irmã de minha mãe. Igualmente evangélica, também essa tia não era o que se poderia chamar de fonte de ternura.

Para nos manter, minha mãe lavava e passava a roupa de hóspedes e fazia sonhos (pãezinhos redondos, recheados e fritos), que eram vendidos na padaria que pertencia a uma das filhas dessa tia e em que O Segundo Mais Velho, com 14 anos, trabalhava.

Algum tempo depois, minha mãe conseguiu alugar uma casa. Num estado que muitos paranaenses consideram mais avançado que o resto do Brasil, a privada ficava no quintal. Meses mais tarde, meu

pai se juntou a nós e nos mudamos para

uma casa melhor: com privada dentro.

Quando me propus a escrever meu primeiro livro, *Liberto da Religião*, decidi não revelar o nome da igreja a que fui induzido a pertencer. Eu não queria dar aos crentes o prazer de me acusar de ter me tornado ateu por mera decepção. Decepção pode levar alguém a dar as costas a uma igreja, mas raramente o transforma num ateu. Em geral, quem sai duma igreja entra noutra. Se não, torna-se um crente sem igreja. Após certo período de revolta, muitos desigrejados retornam à igreja de que saíram.

Quando não é por decepção com a igreja, é

por querer se ver livre de suas restrições.

Muitas das regras impostas pelo Protestantismo puritano, que, importado dos Estados Unidos, é o que reina no Brasil, nem

sequer têm base bíblica, como as proibições

de fumar, beber álcool e café, usar maquiagem e joias, frequentar cinemas e teatros,

ouvir música secular e dançar. Diferentemente de muitos, não saí da igreja por decepção, nem para me ver livre de suas restrições. Na verdade, não saí (apenas) da igreja, mas da religião, e isso por razões te-

ológico-filosóficas, das quais as principais exponho neste livro.

Aqui, então, a tão aguardada revelação do grande mistério: fui... [música de suspense] adventista.

Numa época em que o Adventismo era relativamente novo no Brasil, meu avô materno foi convertido à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como não poderia deixar de ser, ele doutrinou sua prole nessa organização religiosa. Entretanto, acabou saindo da igreja. Alguns de seus filhos o seguiram e também saíram. Minha mãe ficou. Que sorte a minha (só que não)! Uns quinze anos mais tarde, ela viria a me dar à luz e, como não poderia deixar de ser, doutrinar-me nessa organização religiosa.

Religião separa as pessoas. Em 1989, eu cursava a Faculdade de Teologia do Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo, em que eu era programado para ser um homem de Deus. Sem embargo, alguns neurônios de meu cérebro, miraculosamente não afetados pela lavagem cerebral religiosa, fizeram-me pensar, e pensar me fez duvidar, e duvidar me fez largar a faculdade e me mudar para a Europa, onde, dois anos

depois, deixei de ir à igreja. Por essa época, só O Mais Novo ainda morava com meus pais. Quando eu os visitava, entre mim e ele não havia sintonia. Vivíamos em mundos diferentes: eu era o de fora da igreja. Pior: o de fora da igreja que vivia num continente depravado (Europa). Pior ainda: o de fora da igreja que vivia num continente depravado que me transformara num metido.

Alguns anos após eu sair da igreja, O Mais Novo também saiu. Todavia, ao contrário de mim, tão somente para poder fazer muitas das coisas que ela proíbe. Uma vez, minha mãe lhe perguntou: “O que são essas manchas dentro do seu carro?”. Era vômito dum dos amigos com os quais meu irmão passara o final de semana bebendo. Foi só meu irmão sair da igreja que nosso relacionamento voltou a ser bom, quer dizer, normal. Passamos, por exemplo, a poder ir juntos a boteços jogar sinuca e beber cerveja. Ele até tinha uns exemplares da revista *Playboy* escondidos no armário, embaixo dumha pilha de roupas. Outra coisa “satânica” que ele tinha: discos de rock.

Quando desse tipo de liberdade se cansou, para a igreja ele voltou (minha nossa,

até rimou!), reerguendo o muro que separou o irmão de dentro da igreja do de fora e, assim, catapultando nossa boa relação de volta ao estado de dessintonia. Na verdade, ela se tornou pior, pois quem volta para a igreja geralmente volta mais devoto, por vezes fanatizado. Antes de sair, O Mais Novo era um simples esquenta-banco. Após voltar, passou a pregar e inclusive foi eleito ancião da igreja, cargo que em algumas denominações é chamado de presbítero, a maior autoridade leiga duma congregação protestante. Meu irmão é um dos que decidem se um membro deve ser riscado da igreja, por exemplo por beber cerveja, líquido que ele, enquanto fora dela, ingeriu aos litros. Numa de minhas passagens por Castro, mencionei, à mesa, os buracos negros. O Mais Novo retrucou: “Buraco negro é coisa de cientista maluco!”. Foi assim que, surpreso, descobri que ele voltara para a igreja. Toda semana, por 24 horas, meu irmão me proibia de usar a internet, que ele, do alto de seu legalismo e (falso) moralismo, desligava antes do pôr do sol de sexta-feira e ligava depois do pôr do sol de sábado.

do, o esquisito “dia” sagrado dos adventistas, baseado no *shabat* judaico.

Como a maioria das que foram fundadas nos Estados Unidos, a Igreja Adventista é uma denominação de linhagem puritana. Os puritanos foram cristãos cujo objetivo era alcançar a pureza (como se isso fosse natural) seguindo a Bíblia à risca (como se isso fosse possível). O problema com os fanáticos é que odeiam ver gente desfrutando a vida. Conscientes de que ser fundamentalista é a coisa mais insuportável que existe (para os puritanos, tudo era pecado), não cansam de tentar enfiar seu fundamentalismo goela abaixo de todo mundo. Quanto mais pessoas forem fundamentalistas, menos insuportável o fundamentalismo parecerá. De saco cheio do Puritanismo, no século XVII a Inglaterra expulsou os puritanos. E para onde haveriam de ir os chatos que ninguém queria? Para a América, claro. Quando quer a terra de alguém, mas ele não a quer vender, o que você faz? Aquilo que cristãos por séculos fizeram com as terras de povos que não adoravam o deus que manda dar também a capa a alguém que quer só a túnica: tira a terra dele à força. Ao

que tudo indica, adorar o deus da Bíblia é por ele recompensado com brilhantismo, pois os puritanos tiveram uma brilhante ideia para roubar aquela terra de seus legítimos donos: arma biológica. Exalando o amor de Jesus por todos os poros, os invasores fingiam amizade e presenteavam os nativos com lenços e cobertores propositadamente infectados com varíola. Em 1637, em Connecticut, esses literalistas bíblicos tacaram fogo num vilarejo da tribo pequot. Quem tentou escapar foi morto a bala. Nesse ataque, pereceram cerca de 700 índios, incluindo idosos, mulheres e crianças. Cada vez que americanos celebram o Dia de Ação de Graças, estão agradecendo a Deus também por genocídios como esse.

Algumas igrejas são piores que outras, mas todas são ruins, pois todas estão fundamentadas em absurdidades, perversidades e hipocrisia. Pegue uma igreja, qualquer uma, e estude sua história, a começar pela vida de seus fundadores. Você logo descobrirá que ela, para usar uma expressão alemã, tem cadáveres no porão, isto é, que no passado dela há coisas que ela, por lhe causarem embaraço, prefere ocultar.

Talvez um ou mais de seus pioneiros eram polígamos, ou pedófilos, ou racistas, ou apoiaram ditadores, ou escreveram imbecilidades ou foram presos por tentarem entrar nos Estados Unidos com milhares de dólares escondidos entre as páginas duma Bíblia, como o apóstolo Estevam e a bispa Sônia, da Igreja Apostólica Renascer em Cristo.

A Igreja Adventista é resultado do Movimento Millerita, liderado pelo camponês, depois xerife, depois militar, depois pregador batista americano William Miller. Na sua juventude, Miller leu Voltaire, David Hume e Thomas Paine, que o fizeram largar o Cristianismo e abraçar o Deísmo: a crença num deus que está se lixando para sua criação. Em 1812, Miller foi para a guerra contra os britânicos. O forte em que ele estava teria sido cruelmente alvejado pelo inimigo. Uma bomba teria explodido a cerca de meio metro de Miller, ferindo três soldados e matando um. Miller, contudo, não teria sofrido um único arranhão.

Se um avião com 300 passageiros cair, 299 morrerem e o sobrevivente for crente, este dirá: “Graças a Deus!”. Se for pentecos-

tal, exclamará: “Aleluia!”. Se for neopente-costal, acrescentará “Xerebecanto！”, rodi-piará e se jogará no chão. Em sua sobrevi-vência, o crente vê a prova da existência de Deus. Entretanto, se Deus existe e age des-sa maneira, é sádico, e adorá-lo torna as pessoas não só insensíveis como também egocênicas, pois quem sobrevive a uma fatalidade acredita que Deus o ama mais que a outros. Além disso, se um sobreviven-te é uma prova de que Deus existe, não de-veriam 299 vítimas ser 299 provas de que Deus não existe? Também William Miller cometeu essa falácia, voltando a adorar um deus que, só para provar sua existência e demonstrar seu amor a algumas poucas, manda um monte de pessoas para o bele-léu.

Como eu disse, quem volta para a igreja geralmente volta mais devoto, por vezes fa-natizado. Com Miller, não foi diferente. Morrendo de vontade de se encontrar com o deus que o protegera da bomba que estraçalhou um de seus camaradas, Miller abriu a Bíblia e deu de cara com uma profecia que ele interpretou como revelando o ano da volta de Jesus. Segundo seus cálculos, o

Nazareno retornaria entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Feliz da vida, Miller pregou sua fantástica descoberta aos quatro cantos do Nordeste dos Estados Unidos. Milhares de membros das mais variadas igrejas caíram no conto do vigário, perdão, pregador. Muitos deles doaram tudo que possuíam ou deixaram as plantações de suas fazendas ao deus-dará. Certos de que logo iriam morar em mansões de ouro, houve quem quebrou todos os móveis da casa. De túnicas brancas, alguns foram esperar Jesus em cumes de montes; outros, em copas de árvores. Como o Nazareno obviamente não voltou e algumas pessoas adoram se esborrachar no chão, Miller teve a magnífica ideia de fixar uma nova data: 18 de abril de 1844. Dessa queda o pregador não se levantou. E há aqueles que não podem ver uma vergonha que já querem passar. Foi o caso de Samuel Snow, um ex-ateu convertido por Miller, que estabeleceu mais uma data: 22 de outubro de 1844. Além de seguidor dum lunático, perdão, fântico, acho que Snow era adepto da Filosofia do Agora Vai (ou seria Filosofia do Agora Vem?). Em todo caso, fiel ao filme *A*

Volta dos Que Não Foram Jesus não voltou. Por mais incrível que possa parecer, Snow continuou a fixar novas datas. Desmoralizado, morreu jurando por Deus ser a reencarnação do profeta Elias.

Há tantas crenças religiosas porque, infelizmente, o mundo está cheio de pessoas dispostas não apenas a acreditar em malucos como também a continuar a neles acreditar mesmo que fique provado que o que pregam é maluquice. Isso é notório em religiões cujo foco são profecias sobre o fim do mundo. Quando decepcionados, em vez de mandarem sua crença para o Inferno, o que seria igual a admitir terem se deixado fazer de trouxas, os crentes mais devotos dão novas, por vezes ainda mais disparatadas, interpretações às profecias falhadas. Os adventistas de carteirinha, por exemplo, passaram então a dizer que o ano de 1844 foi corretamente predito, mas que o erro foi achar que Jesus voltaria, quando, na verdade, nesse ano ele começou a limpar o templo celeste dos pecados dos cristãos. Note que, ao transferirem a profecia para um evento invisível, os adventistas engenhosamente saíram da sinuca de bico em

que tinham se metido e ainda por cima iniciaram críticas, uma vez que o cumprimento dessa profecia não tem como ser nem provado nem refutado. Foi a partir desse contorcionismo interpretativo que, alguns anos mais tarde, a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi fundada.

Esse fenômeno está exemplificado no livro *When Prophecy Fails (Quando a Profecia Falha)*, do psicólogo social americano Leon Festinger, criador da Teoria da Dissonância Cognitiva. Quando uma pessoa acredita de corpo e alma que, em determinado dia, o mundo acabará, mas o mundo não acaba, nela ocorre dissonância: acreditar que o mundo acabará e saber que ele não acabou entram em desarmonia e, portanto, conflito. Já que viver com conflitos internos é angustiante, a pessoa então busca harmonizar crença e realidade. Se sua crença for superficial, o crente pode restabelecer consonância deixando de acreditar no fim do mundo. Se, no entanto, for profunda, ele restaura o equilíbrio fazendo ajustes em sua crença. Em 1954, Festinger e alguns de seus colegas se infiltraram numa seita americana denominada A Irmandade

dos Sete Raios, liderada por Dorothy Martin, que teria recebido uma mensagem dos guardiões dum planeta chamado Clarion dizendo que, no dia 21 de dezembro daquele ano, a Terra seria inundada por um dilúvio e destruída. Quem acreditasse nessa profecia seria buscado por um disco voador e levado para Clarion. Como o disco voador obviamente não veio, os membros da irmandade começaram a chorar. E agora, José? Martin então teve a fantástica ideia de receber uma nova mensagem dos extraterrestres, revelando que a fé do grupo fora tanta que movera Deus a cancelar o cataclismo. A Terra fora salva por ninguém menos que A Irmandade dos Sete Raios. Obrigado, Irmandade dos Sete Raios!

Se Deus existe e, como os crentes não cansam de afirmar, nele crer é lógico, por que essa balbúrdia de crenças? Ao longo da História, a Humanidade adorou inúmeros deuses, e estima-se que hoje haja 4.200 religiões. Todas as grandes religiões são subdivididas em ramificações, sendo o Cristianismo a campeã, com milhares de denominações, embora a Bíblia faça questão de frisar que “Deus não é Deus de...

Leia o **resto** do livro.